

A INFÂNCIA PELAS LENTES DO CINEMA

XXIII Ciclo de Debates sobre Educação Infantil

Patrícia de Moraes Lima¹
Roseli Nazário²
Rosinetei Valdeci Schmitt³

[...] pensar é encontrar. Pensar com outro é encontrar-se com outra ideia, outro conceito, outro acontecimento de pensamento. (KOHAN, 1999).

A infância pelas lentes do Cinema coloca em cena a intenção partilhada entre muitos pesquisadores e pesquisadoras que encontram nessa arte possibilidades de incitar e provocar o pensamento em torno da Infância e desnaturalizar as formas convencionais que temos de conhecê-la. As imagens pensam. Um filme pensa. E está aí a aposta que esse Ciclo lança à Educação, Cinema, Infância e Pensamento.

Algumas mãos tornam-se essenciais para que essa proposta ganhe materialidade e nessa direção alguns sujeitos ousam dar o contorno que fez nascer um Ciclo de Debates sobre a Educação Infantil. Dentre essas mãos está o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN), que é composto por pesquisadoras/es (graduandos/as, mestrandos/as, doutorandos/as e pós-doutorandos/as) que possuem como tema principal dos seus estudos a infância e/ou a Educação Infantil. Além das atividades de pesquisa, esse Núcleo, há mais de 20 anos, realiza ações teórico-práticas abertas à comunidade. Uma destas ações refere-se ao Ciclo de Debates, que é organizado anual ou semestralmente com a participação de profissionais da educação das Redes Públicas de Ensino (municipais, estadual e federal).

¹ Professora da área da Educação Infantil no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (CED-UFSC) Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED-UFRGS). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências (NUVIC–CED-UFSC).

² Professora da área da Educação Infantil no Curso de Pedagogia da Universidade Regional de Blumenau (CCE-FURB). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (CED-NUPEIN)

³ Professora da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SME-Fpolis). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (CED-NUPEIN)

No ano de 2013, na sua 23ª edição, o Ciclo de debates propõe discutir a infância pelas lentes do cinema, em parceria com Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências (NUVIC), núcleo este vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED-UFSC), com 10 anos de existência e que reúne pesquisadores/as que têm como foco em suas pesquisas desconstruir as formas pelas quais as violências são pensadas na Educação. Nos estudos e pesquisas sobre as infâncias esse núcleo vem tecendo sua aproximação com alguns movimentos sociais e com a Rede de Proteção e Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, procurando problematizar a esfera pelo qual os direitos humanos vem fornecendo subsídios às políticas públicas destinadas a infância.

Ainda para a efetivação da proposta deste XXIII Ciclo de Debates, contamos também, com o apoio da Secretaria de Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina – SeCult UFSC, que além de apoiar na divulgação do evento contribuiu com importantes comentários nos critérios de escolha dos filmes que serão exibidos.

Tal como o título enuncia, o XXIII Ciclo intenciona ampliar as discussões acerca da infância a partir da experiência estética com o cinema, através da exibição de uma série de filmes de diferentes origens geográficas (Brasil, França, Irã, China). A seleção dos filmes seguiu alguns critérios, dentre os quais a possibilidade de dialogar com outras áreas de conhecimento, tendo sempre como enfoque a Infância. Neste sentido, a proposta é endossada pela proposição da discussão com a plateia, provocada pela contribuição analítica de profissionais de diferentes campos do conhecimento (Pedagogia, Filosofia, Antropologia, Psicologia, Sociologia), convidados para participar em cada encontro.

As sete datas reservadas para esse XXIII Ciclo de Debates, distribuídas mensalmente ao longo do ano, de abril a novembro de 2013, se apresentam como possibilidade de encontro com a linguagem metafórica do cinema, a qual pode implicar na ampliação do nosso olhar acerca da infância. Ou, dito na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos (2006), possibilita-nos *(des)aprender* e restaurar nossas formas de olhar, pensar e sentir a infância, tomando a linguagem cinematográfica como mobilizadora para esse exercício.

O *avizinhamento* da infância ao cinema surge nessa proposta de Ciclo de Debates como um convite para desalojar nossas ideias estabelecidas sobre as crianças, ao se apresentar como uma possibilidade de descolonização (SANTOS, 2006) do pensamento,

oportunizando debates que possam vir a confrontar algumas das “verdades pedagógicas fossilizadas” (KOHAN, 2007) que nos instigam a deixar de lado aquilo que pensamos já saber, criando assim, espaço para a surpresa, para o encontro com as infâncias no plural.

Ainda que as diferentes imagens das infâncias sejam transitórias, contraditórias e desconhecidas, são os efeitos desse encontro com o cinema que nos interessa para pensar as verdades que vem sendo produzidas e reiteradas sobre esses sujeitos, as crianças.

Ao direcionar nossa atenção às crianças, aquelas que “recebem o olhar das lentes do cinema, e nos são oferecidas ao olhar” (FISCHER, 2008) e estabelecer relações entre linguagem cinematográfica e as possíveis interpretações da(s) infância(s) - tecidas pelas opções narrativas de cineastas brasileiro, francês, iraniano, chinês⁴ - estamos investindo na possibilidade de a imagem “nos oferecer outros modos de pensar – para além da confirmação do que, antes dela, já sabíamos, algo em que já acreditávamos” (MARCELLO; FISCHER, 2011, p. 511).

Dito de outra forma, assistir os filmes não implica no encontro com uma infância pré-definida, como realidade objetiva a ser identificada, mas com as formas representativas as quais ela é retratada, pelo enredo, pelas imagens, pela atuação dos atores, pelos sons, pela totalidade da obra. A linguagem produz efeitos pelo modo em que é dita ou para além daquilo que quer dizer e é nessa direção, que o cinema e as artes de modo geral, perturbam os modelos de representação e das metanarrativas que temos produzido sobre as infâncias.

Neste sentido, nossa opção por um Ciclo de Debates sobre a Educação Infantil que opera com narrativas fílmicas, surge como um convite ao devir, na perspectiva de Deleuze e Parnet (1988, apud KOHAN, 2007, p. 95):

Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias.

⁴ Falamos de “interpretações”, pois estamos considerando que a execução de um filme, desde as suas primeiras criações até sua exibição, se constitui a partir de diferentes olhares que se sobrepõem e se entrecruzam (olhar do diretor/a que dirige as cenas, dos operadores das câmeras que capturam as imagens, dos personagens que protagonizam as cenas, dos nossos próprios olhares de espectadores) operando com “interpretações sobre interpretações” (FISCHER, 2008; MARCELLO, 2008).

Entendemos que é deste devir que nasce a possibilidade de sensibilização do olhar e de situar a infância num outro terreno: o da potência. O *devir-criança* (DELEUZE-GUATTARI, 1997) posiciona, instaura outra temporalidade e depende da experiência do encontro. Não promove a filiação, a correspondência, ao contrário, arremessa sempre outro modo possível de conhecer, de pensar. O devir é da ordem da aliança. Deleuze e Guattari (1997) colocam que é no domínio das simbioses que são colocados em jogo as diferenças, sem qualquer filiação possível. Por isso, pensar é sempre um ato em potência, e o devir-criança desencadeia uma força irrefreável que movimenta nosso pensar. Há um bloco de devir que toma a vespa e a orquídea, mas do qual nenhuma vespa-orquídea pode descender (p. 19). O pensar é gerado no próprio pensamento, deslocado, desprendido sempre da primeira imagem.

O olhar sobre o cinema, ou sobre a infância representada na tela, nos instiga a aprender sobre nós mesmos frente à infância, tomando seriamente outras culturas, outros olhares, como interlocutores que nos tocam não apenas ao pensamento racional, mas aquilo que sentimos e experimentamos. Podemos, então, nos perguntar: o que dá para pensar? A maior contribuição não é a constatação do que pretendeu o autor ou diretor sobre a infância em sua obra, mas o que, a partir das nossas interpretações frente a esta, nos interroga, nos desestabiliza, nos incita na busca ativa para novas e profundas relações e interpretações.

Por fim, e anterior a apresentação de um conjunto de resenhas referentes aos filmes selecionados para este XXIII Ciclo de Debates, resta-nos dizer que os momentos de diálogo e reflexões em torno da(s) infância(s) presente(s) na filmografia exibida (ou sugestionada por participantes debatedores neste Ciclo) vêm no sentido de problematizar a apresentação de um único e verdadeiro modo de ver a infância, e para nos proporcionar a possibilidade de experienciar outras e diferentes maneiras de olhá-la, distanciando-nos da forma dada, contínua e instituída a qual que nos foi ensinada pelo viés do conhecimento científico dominante, filiado ao paradigma médico-psicológico, jurídico e religioso. Fica assim o convite para *(des)aprender* o que se sabe e abrimo-nos ao que não se sabe, ao que se pode aprender, ao que o outro pode ensinar (KOHAN, 2007).

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.4. São Paulo: Ed.34, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Quando os *Meninos da Cidade de Deus* nos olham. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 193-208, jan/jun. 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; MARCELLO, Fabiana de Amorim. Tópicos para pensar a pesquisa em Cinema e Educação. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011.

KOHAN, Walter Omar. **Infância de um pensar (G. Deleuze)**. In: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. (Orgs). **Filosofia e Infância: possibilidade de um encontro**. 2ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 207-235.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: Ensaios de Filosofia e Educação**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2007.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Criança e Imagem no Olhar sem Corpo do Cinema**. 2008. 237 f. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. V. 4. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção para um Novo Senso Comum).